



Osvair Antônio de Oliveira Diniz é vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Juiz de Fora e Região. Em 2003 escreveu o livro 'O Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva', na posição de herdeiro de uma das participantes do grupo e como professor de história do Centro Cultural Baobá de Estudos Afro-brasileiros de Juiz de Fora. Ele é licenciado em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, especialista em História pela UFJF e foi professor e coordenador do Centro de Referência da Cultura Negra (CERNE/JF). Em 2007 foi homenageado pela Câmara Municipal de Juiz de Fora com a Medalha Nelson Silva.

Essa obra carrega reflexões, linguagem e vivências que inúmeras vezes vêm sendo ignoradas pelas narrativas dominantes. Tal leitura descortina e amplia a visão sobre questões como: identidade, desigualdade, luta de classe, racismo e, salienta a noção de pertencimento. Todavia, é louvável a percepção, a sensibilidade e o empenho do autor Alexandre Müller Hill Maestrini: pele clara, alto, olhos claros, descendente de alemães e italianos, que quebra paradigma quando escreve 'Nossas Riquezas Pretas – biografias afro-juizforanas'. Como diria a autora Cida Bento, o autor busca com jeitinho mineiro ir quebrando 'O Pacto da Branquitude'.

"I'll Tell You What Freedom Is to Me. No Fear". (Nina Simone)

Ressoando as vibrações da palavra 'Sem Medo', como acentuou Nina Simone, surpreendi-me com esta obra, com a pessoa e caráter do Alexandre, que possui em si uma energia, disposição e motivação que nos encanta já no primeiro contato. Dissertando sobre pretas e pretos, numa perspectiva de acolhimento, pertencimento e luta, emerge deste trabalho a reflexão que, a despeito da cor da pele e etnia é possível contribuir para uma sociedade mais justa e, sobretudo, antirracista. Ao ler o livro para escrever o epílogo lembrei das palavras de Nelson Mandela que: "A Educação, a

percepção de si e do outro é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

Eduardo Galeano escreveu que: "mente-nos o passado como nos mente o presente: mascaram a realidade. Obriga-se o oprimido a fazer sua, uma memória fabricada pelo opressor: estranha, dissecada, estéril. Assim, o oprimido se resigna a viver uma vida que não é sua, como se fosse a única possível". Já este trabalho de Alexandre viabiliza o discurso do negro sobre os próprios negros e negras de Juiz de Fora. O autor confirma que à margem dos processos políticos formais, a comunidade negra local resgatou, preservou seus direitos e conduziu suas vidas através de outros espaços de atuação.

Alexandre nos abre os olhos e mostra na prática que basta ser humano, conhecer a história do nosso país e, neste caso, a cultura afro-brasileira e afro-juizforana para sair da inércia e atuar ativamente. Ele abre o caminho para que ainda seja necessário ir à luta por tudo que representou e representa para a história mundial, brasileira e, particularmente, da Manchester Mineira, Barcelona de Minas e Atenas de Minas. Epítetos fornecidos a Juiz de Fora, mas que sempre deixaram de fora a imensa contribuição negra para a construção do município. Mas Juiz de Fora não é só européia, é também afro, com 56% da população com raízes africanas.

O Brasil, após a década de 30 do século XX, procurou sustentar a imagem de um país cordial, caracterizado pela presença de um povo pacífico, sem preconceito de raça e de religião. Durante anos, alimentamos a idéia de que vivíamos uma verdadeira democracia racial, apesar das visíveis desigualdades e dos limites de oportunidades oferecidos aos negros, aos mulatos, aos índios e aos ciganos. Interessam ao Estado brasileiro – como forma de absorver as tensões sociais e mascarar os mecanismos de exploração e de subordinação do outro, do diferente – a criação e a disseminação do mito de que o Brasil é um paraíso racial. Já na segunda metade do século XIX, sob uma suposta preocupação com o futuro do Brasil, previsto como duvidoso por ser um país de mestiços, importávamos e elaboramos teorias de cunho racista.

No contexto de Minas Gerais, no lugar de Catedrais, fábricas, sem a opulência do Barroco, o estilo Neoclássico e Eclético de seus prédios e a nacionalidade da arquitetura industrial, que opõe chaminés às torres devotas. Sem a marca da Cultura Colonial Mineira, Juiz de Fora distingue-se pelo cosmopolitismo-urbano moderno, sua mineiridade define-se entre o rio e a montanha, numa paisagem típica das Gerais. Nesse processo de formação da cidade, os negros estiveram na região desde o início de seu povoamento. Foram escravos oriundos da região mineradora e do Nordeste brasileiro, operários nas

indústrias locais, serviços domésticos e mão-de-obra não especializada em diversas profissões.

Isso explica o fato de a maioria da população negra de Juiz de Fora constituir parcela significativa entre os mais pobres. Já a classe dominante administrou de tal maneira as mudanças, que os ex-escravos não tiveram garantias plenas de acesso à posse ou à propriedade da terra, ao trabalho e ao salário. Como bem lista Alexandre nesta gama de biografias afro-juizforanas, com a expansão da rede pública de ensino na segunda metade do século XX, encontramos, na cidade, somente uma minoria negra em profissões liberais e nas universidades. Este presente livro une diferentes gerações e sugere um quadro no qual os afro-juizforanos retomam a palavra, de que foram privados tantas vezes pelas injustiças sociais, para narrar suas próprias experiências. Lembrando das palavras de Nelson Silva:

**Raiô a liberdade, / Findô a iscravidão,
Mas por castigo, / o por mardade,
Nóis caiu numa nova prisão!
O cativêro chegô no fim, / A iscravatura já triminô;
Mas eu prigunto, / meu sinhô do Bomfim
Pr'ondé que eu vô? / Pr'ondé que eu vô?
Aonde é que eu vô rumá trabaio,
Aonde é que eu podê morá;
Eu vô vivê tal quali um vagabundo,
Jogado nêste mundo, / Sofrendo sem pará!
Eu era iscravo do meu sinhozinho,
Chorava sempre a libertação;
Mas je em dia, vejam só que mardade,
Eu sinto a liberdade; / Tal quali a iscravidão!
Eu num sei quali é mais triste, / A vil mortáia da iscravidão
O a dô da liberdade. / Que m'istraçaia o coração**

Como aqui apresentado por Alexandre, Juiz de Fora e o Brasil, se apresentam como uma sociedade multiétnica, pluricultural e, por isso mesmo, atravessada por relações de fraternidade e de conflito. Tal realidade deve ser considerada pelas políticas públicas, cujos objetivos devem ser atender às diferentes demandas das populações no tocante à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer e à participação política. Isso significa dizer que essa sociedade multiétnica e pluricultural só poderá usufruir a contento de suas riquezas se for capaz de proporcionar a convivência responsável entre as suas diferenças.

A filósofa e ativista Djanira Ribeiro no seu ‘O Pequeno manual Antirracista’, nos ensina, nos orienta e leva-nos à reflexão para a mobilização, e é isso que este livro apresentou com primazia, um impulso para mobilizar a sociedade, partindo de bons exemplos de pretos e pretas que conseguiram furar a bolha racista. Neste sentido, Alexandre, com este livro ‘Nossas Riquezas Pretas – biografias afro-juizforanas’ emerge e descortina vida, a luta e vivências de inúmeros afro-juizforanos e afro-juizforanas que retomam as palavras e se destacam como protagonistas.

O autor revela que numa sociedade de classes, em que os lugares de poder e de tomada de decisão, o espaço artístico e o espaço político são ocupados quase que invariavelmente por brancos, o negro que pretende ascender em qualquer um desses contextos, muitas vezes, lança mão de uma identidade calcada em emblemas brancos, na tentativa de ultrapassar os obstáculos advindos do fato de ter a cor da pele negra.

Já estes 54 pretas e pretos que Alexandre entrevistou e deu voz, puderam contar suas próprias experiências, narrativas de vivências, conquistas e lutas que através de inúmeras entrevistas falaram de si, mas falaram também de nós todos e por nós todos, todas e todes. Um trabalho importantíssimo que traz à tona a desigualdade no Brasil, como no mais recente estudo do [Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento](#), órgão da ONU, que demonstrou que o Município de Juiz de Fora é o 3º mais desigual do Brasil em expectativa de vida entre negros e brancos. Imaginem quantas outras riquezas pretas que ainda se encontram cerceadas pelas injustiças sociais e o país vem desperdiçando.

**“Todo sistema de educação é uma maneira política de
manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com
os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.**

(Michael Foucault)

Mas a literatura que Alexandre se propôs a construir, é fonte primária para futuros estudos, e é uma trilha positiva e alternativa de conscientização, mesmo que no longo prazo, se torna um meio para valorizar ‘vozes, murmúrios e banzos’ que historicamente foram silenciados. Este livro ‘Nossas Riquezas Pretas – biografias afro-juizforanas’ chega em boa hora para nos ajudar a criar outro tipo de vivência sem opressão, sem medo, na qual ‘as vidas negras realmente importam’ e que outras tantas minorias sociais sejam também respeitadas em Juiz de Fora e no Brasil.